

Cultura, conexão, contemporaneidade

Antonio Albino Canelas Rubim¹

RESUMO

Entendendo a cultura como esfera social determinada que pode ser estudada em sua singularidade, abordamos, neste artigo, um panorama das interfaces entre cultura, modernidade e contemporaneidade. Para tanto, a mercantilização, a tecnologização e a globalização da cultura, bem como a culturalização da política e da mercadoria são processos aqui analisados.

Palavras-chave: Cultura; política; mercadoria.

ABSTRACT

Understanding culture as a certain social sphere which can be studied in its singularity, the present paper presents a panorama of interfaces between culture, modernity and contemporaneity. In order to trigger each of these axes, we analyze the processes of mercantilization, technologization and the globalization of culture, as well as the culturization of politics and merchandise.

Keywords: Culture; politics; merchandise.

1 Professor titular da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação de Cultura e Sociedade da UFBA. Coordenador do Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura da UFBA. Coordenador da Cátedra Andrés Bello da UFBA. Pesquisador do CNPq. Ex-presidente da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (Compós) e ex-diretor da Faculdade de Comunicação da UFBA.

Com a modernidade temos a autonomização (relativa, é claro) do campo cultural em relação a outros domínios societários, notadamente a religião. A conformação da esfera cultural (Weber) ou do campo cultural (Bourdieu) está intimamente associada à modernidade. Tal autonomização – que não deve ser confundida com isolamento nem com desarticulação ou desconexão com o social – implica a constituição da cultura como esfera ou campo singular, que articula e inaugura: instituições, profissões, atores, práticas, teorias, linguagens, símbolos, ideários, valores, interesses, tensões e conflitos. Uma esfera social é sempre um campo de forças, onde existem elementos de agregação e complementariedade, mas também de disputa e conflito: hegemônias e contra-hegemonias, como diria Raymond Williams. A partir desse momento e movimento, a cultura passa a ser percebida e nomeada como esfera social determinada que pode ser estudada em sua singularidade.

Desde essa época até a contemporaneidade, grandes eixos que perpassam o campo cultural podem ser imaginados. Eles configuram sua tessitura atual. Cabe traçar um panorama, por óbvio sintético, das interfaces entre cultura, modernidade e contemporaneidade acionando tais eixos.

Ainda na modernidade, simultânea a sua autonomização relativa, temos uma *politização da cultura*. Isto é, a cultura, em conjunto com outras esferas sociais, passa a ter sentido para uma política que deixa de ser legitimada pela referência ao transcendente, em acentuada submissão ao registro religioso. O estado-nação moderno, seus governos e parlamentos têm legitimação secular e predisposição para uma atuação social laica. Com o declínio da religiosidade como eixo de legitimação da política, a cultura passa a ser fonte significativa dessa legitimidade (Rodrigues 1990). Tal dispositivo secular, inicialmente associado às elites e aos interesses dominantes, paulatinamente, por meio da luta de diferentes segmentos oprimidos, passa a ser constituído por expedientes democráticos, como o sufrágio universal, que implicam a construção de hegemonia e a colocam em cena como condição vital para realização da política.

Ou seja, o consenso toma o lugar de mera coerção, típica das anteriores situações autoritárias, vivenciadas durante os reinados absolutistas ou mesmo nos governos iniciais da burguesia, que excluía da vida política

todos aqueles não pertencentes à elite por intermédio de procedimentos como o voto censitário etc. Ao incorporar a lógica da construção e competição de hegemonias, a política necessariamente se articula com a cultura, posto que se trata da elaboração de “direções intelectuais e morais”, como diria Antonio Gramsci, e da disputa de visões de mundo, nas quais política e cultura sempre estão imbricadas.

A politização da cultura deriva, por conseguinte, de dois movimentos diferentes da política, mas interligados: a necessidade da legitimidade secular e a busca de hegemonia em lugar da estrita dominação.

Na passagem da modernidade para o mundo contemporâneo, outro dispositivo marca a esfera cultural de modo relevante. Comparece agora a *mercantilização da cultura*, intimamente associada ao desenvolvimento do capitalismo e da chamada “indústria cultural”. Tal processo indica, antes de tudo, o avanço do capitalismo sobre os bens simbólicos e, sem dúvida, é uma das premissas mais essenciais da noção de indústria cultural desenvolvida por Theodor Adorno e Max Horkheimer. Os bens simbólicos, até aquele momento, não eram produzidos pela dinâmica submetida ao capital. A emergência da lógica de produção da indústria cultural transforma esse panorama e faz com que esses bens não sejam assumidos apenas como *também* mercadorias, porque capturados e transformados em mercadorias na esfera da circulação, mas que já sejam concebidos como mercadorias, desde o momento de sua produção, como afirma perspicazmente Adorno. Nesse sentido, o dado mais significativo da noção de indústria cultural, em sua feição adorniana, é exatamente a constatação de que o capital agora avança não somente sobre a circulação, mas também sobre a própria criação da cultura.

A mercantilização da cultura potencializa a *tecnologização da cultura* com a proliferação das mídias e, no seu rastro, das “indústrias culturais”, noção agora tomada em sentido bastante diverso. A subsunção da produção de bens materiais ao capital possibilita a Revolução Industrial entre 1780 e 1840. Tal tecnologia industrial passa a ser aplicada, por óbvio, com as adequações exigidas, à produção de bens simbólicos, em um processo de subsunção da cultura ao capital, como anotado anteriormente. A mecanização da imprensa aparece como seu primeiro exemplo.

A reprodução técnica de textos e depois imagens e sons cria novas formas culturais, que passam a conviver com os formatos preexistentes da cultura. O famoso texto de Walter Benjamin, “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” (1969: 207-238; 1986: 165-196), é uma notável reflexão sobre esse processo. A tecnologização de parte significativa da cultura também é captada pela expressão *indústrias culturais*. Nesse último caso, o termo passa a ter um sentido radicalmente distinto da noção oriunda da teoria crítica, significando apenas “indústrias” que fabricam cultura. Ou melhor, cultura produzida industrialmente, reproduzida em série pelas variadas modalidades técnicas, mesmo quando ela não está submetida a uma lógica eminentemente mercantil.

Conceitos aparentemente tão próximos como *indústria cultural* e *indústrias culturais*, em verdade, acionam constelações de sentido muito distintas. *Indústria cultural*, no horizonte da teoria crítica, remete ao processo de mercantilização da cultura, a sua subsunção ao capitalismo. Já a noção de *indústrias culturais* enfatiza o processo técnico de reprodução, a produção em série, e não sua subordinação a uma lógica mercantil capitalista. Difícil assimilar e utilizar indistintamente conceitos tão díspares.

A tecnologização da comunicação e da cultura, por fim, faz aparecer a intitulada cultura midiaticizada, também nomeada por outros autores com o discutível termo: *cultura de massas*. Tal *cultura midiática*, com suas (mega)organizações multinacionais, emerge como componente vital da circunstância cultural, em especial dos séculos XX e XXI. Ela configura o circuito cultural dominante, de caráter nitidamente audiovisual; institui estilos de vida e valores, éticos e estéticos, e se constitui em um dos emblemas mais visíveis da contemporaneidade.

Em anos mais recentes, a tecnologização da comunicação e da cultura possibilitou a explosão das redes informáticas e todo um conjunto de *ciberculturas* associadas à dinâmica de *glocalização* das redes, que moldam o ambiente contemporâneo. Adiante, o texto retorna ao tema das redes e da glocalização da cultura na atualidade.

Um outro dispositivo foi marcante para a compreensão da cultura hoje: a *culturalização da política*. Aos “tradicionais” temas da política moderna – como Estado; governos (executivo, legislativo e judiciário);

monopólio da violência legal; direitos civis; liberalismo econômico etc. –, a partir do século XX, são agregadas novas demandas político-sociais, muitas delas de teor cultural. Ecologia; gênero; orientação sexual; modos de vida; estilos de sociabilidade; comportamentos; desigualdades societárias; diferenças étnicas, religiosas e nacionais; diversidade cultural; valores sociais distintos etc. são temáticas incorporadas ao dia-a-dia da política; passam a compor programas de partidos políticos e a fazer parte das políticas governamentais, sendo, simultaneamente, reivindicados pelos movimentos sociais e pela sociedade civil. Enfim, tais “políticas de identidade” são agendas introduzidas, de modo crescente e substantivo, no universo da política. Nessa perspectiva, o cenário da política contemporânea se amplia, ao incorporar, por demandas societárias, novos temas, vários deles de forte impregnação cultural. Obviamente, a agregação de novos temas se realiza com profundo mal-estar do campo político, muitas vezes assustado e despreparado para essa nova realidade, acarretando tensões e conflitos.

Mais um expediente pode ser destacado no itinerário de consubstanciação da cultura contemporânea. Trata-se da *culturalização da mercadoria*, processo tão bem assinalado em estudos recentes acerca das chamadas “economias ou indústrias criativas”². Nesse âmbito, cabe registrar o crescente papel de componentes simbólicos na determinação do valor das mercadorias, mesmo sob o formato de bens materiais.

Os casos exemplares podem ser muitos. Hoje, em um automóvel importam o design, a marca e outros atributos simbólicos que dão distinção e prestígio ao produto e, por contágio, ao usuário-consumidor. O aspecto estritamente físico-tecnológico relacionado à capacidade maquinica de transportar pessoas encontra-se em um plano nitidamente secundário. Não por acaso, o automóvel, como dado cultural, tem grande impacto na sociabilidade contemporânea, alterando a configuração espacial das sociedades; afetando o meio ambiente; acelerando o estilo de vida e impondo valores (Kreimer 2006). O automóvel, capaz de se tornar um dos

2 Ver Caves (2001); Florida (2002); Hartley (2004; 2005); e Howkins (2001).

emblemas mais expressivos do estilo de vida contemporâneo, está carregado de valor signo, e não apenas de valor de uso ou mesmo de troca (Baudrillard 1977).

Mais que a indústria têxtil importa a “indústria” da moda. As referências às regiões de certificação de determinadas mercadorias são essenciais hoje para o posicionamento distintivo desses produtos no mercado. Muitas marcas valem mais que todo o patrimônio territorial, infra-estrutural e tecnológico de certas empresas. Em suma, esses componentes simbólicos – portanto de denso conteúdo cultural – na atualidade também penetram os bens materiais e os investem de valor, constituindo seu diferencial de posicionamento no mercado.

Com a culturalização da mercadoria, amplia-se mais uma vez e de modo intenso o lugar da cultura na atualidade. A cultura passa a ser efetivamente reconhecida com uma dimensão simbólica que dá sentido ao mundo e que impregna profundamente todo um universo de produtos, comportamentos, estilos de vida etc.

A cultura contemporânea se vê constituída e perpassada, igualmente, por fluxos e estoques culturais de tipos diferenciados. De um lado, emerge um processo de globalização, conformando produtos culturais que, fabricados de acordo com padrões simbólicos desterritorializados, buscam se posicionar em um mercado mundial de imensas dimensões controlado por megaconglomerados, oriundos de gigantescas fusões de empresas, que associam cultura, comunicação, entretenimento e lazer. De outro lado, reagindo a esse processo de globalização, brotam em vários lugares manifestações confeccionadas por fluxos e estoques culturais locais e regionais. Mesmo no âmbito da cultura global, surgem espaços destinados aos produtos “típicos” (“nacionais”, “étnicos”, de “gênero” etc.), buscando nichos de mercado especializados. A reterritorialização contemporânea, com a emergência cultural de cidades e regiões, tem sido uma contrapartida à tentativa de globalização cultural.

Assim, o panorama atual aponta para um desigual e combinado processo de globalização. Essa cultura-mosaico, como diria Abraham Moles (1974: 19), alimenta-se pela sua enorme capacidade antropofágica, no dizer de Oswald de Andrade, de mesclar e digerir fragmentos provenien-

tes das mais distintas origens, procedendo à montagem de culturas híbridas, na expressão de Nestor Canclini (1998). A tensão entre tendências homogeneizantes e diversificadoras é uma característica persistente da dinâmica cultural atual, com seus antagonismos, suas conexões e suas forças discrepantes.

Nos interstícios entre as culturas globais e locais, com a conformação dos novos blocos supranacionais, floresce a possibilidade de *espaços culturais macro-regionais* como um novo componente da presente constelação cultural. A tematização e a configuração desses espaços culturais retêm, por conseguinte, grande atualidade. Nestes termos pode-se reivindicar e lutar, por exemplo, pela consolidação de um espaço cultural ibero-americano ou, mais especificamente, latino-americano, como propõem, entre outros, o Convênio Andrés Bello (Garretón 2003) e o autor Nestor Garcia Canclini (2002)³.

O aprimoramento dos meios de transporte, unido ao incremento das mídias, em especial aquelas que funcionam em rede, contribuiu para a intensificação, no mundo contemporâneo, da circulação de pessoas, objetos, idéias, sensibilidades e valores, alterando profundamente os *modos e estilos de vida* bem como suas dimensões culturais. A revolução dos *transportes* (trens, navios a vapor, automóveis, elevadores, aviões etc.), alterando radicalmente as possibilidades de locomoção, permitiu a expansão do território urbano, o crescimento das cidades, a emergência das metrópoles e o encolhimento das distâncias e do mundo. A revolução das *comunicações* possibilitou o nascimento das cidades mundiais. As culturas urbanas se afirmaram por contraste às culturas rurais e estas tendencialmente sofreram processos de urbanização. Essa dupla revolução está sintetizada com poesia na frase musical de Gilberto Gil: “Antes mundo era pequeno porque Terra era grande/ Hoje mundo é muito grande porque Terra é pequena”.

Tais “revoluções” potencializaram também a relação e a velocidade de troca entre diversos estilos de vida e valores sociais espalhados pelo

3 Neste livro, Canclini (2002) fala em “economía y cultura: el espacio común latinoamericano”.

ARTIGO

globo. Apesar de tal processo ser hierarquicamente bastante desigual, dada a dominância da lógica capitalista, é interessante perceber que vão sendo tecidas curiosas conexões e negociações, aproximando e, por vezes, tensionando atores e procedimentos que historicamente estiveram apartados por um longo tempo. Hoje a *ampliação das migrações e da circulação de bens materiais e simbólicos* conforma um novo ambiente para a cultura, repleto de potencialidades e riscos. Novíssimas fronteiras culturais se instalam em zonas de intensa interação entre territórios e espaços geográficos e midiáticos, muitas vezes denominados, equivocadamente, de virtuais. As fronteiras culturais tornam-se múltiplas e complexas.

A transformação da dinâmica do sistema capitalista e as mutações do modo de acumulação do capital, que perpassam grande parte dos dispositivos antes elencados, também são responsáveis pelo agendamento da cultura na cena internacional. Elas deslocam a ênfase do paradigma do industrialismo, a força motora do capitalismo clássico, com a ascensão do fenômeno que Manuel Castells (1999: 35) chamou de *capitalismo informacional*: sistema de produção amparado na geração de conhecimentos, de processamento da informação e de comunicação de símbolos. Tal alteração cria um terreno fértil para o desenvolvimento da economia de bens simbólicos.

A cena contemporânea comporta um complexo conjunto de dinâmicas e de camadas de sentido que se sobrepõem, mesclam, conflitam, negociam e conformam culturas híbridas. Vive-se inscrito, simultaneamente, em múltiplas dinâmicas, ambientes e redes de sentido, presenciais e midiáticas. A contemporânea aceleração e falta de tempo deriva em razoável medida da sobreposição e do entrelaçamento das camadas de vida, da multiplicidade de experiências simultâneas que caracterizam a sociabilidade contemporânea.

Não por acaso, a discussão sobre a *diversidade cultural* tornou-se vital hoje, demandando inclusive uma conferência da Unesco, realizada em outubro de 2005, na qual se discutiu e aprovou uma convenção interna-

cional sobre diversidade cultural⁴, essencial para a vida cultural em todo o mundo e para a preservação e desenvolvimento de sua maior riqueza: a diversidade cultural, tão fundamental quanto a biodiversidade para o futuro do planeta e da humanidade.

Nessa circunstância, nada mais atual que falar e reivindicar a transversalidade da cultura: consubstanciada em práticas, políticas e em estudos da sociedade contemporânea. A cultura adquire, dessa maneira, um lugar singular e relevante na atualidade. Cabe propor mesmo uma centralidade para a cultura. O informe final do projeto Pensamento Renovado de Integração, desenvolvido sob os auspícios do Convênio Andrés Bello, publicado em livro, tomou explicitamente como ponto de partida a seguinte premissa: “... el mundo en este siglo se constituirá no en torno a lo geopolítico, ni a lo geoeconómico, sino principalmente en torno a lo geocultural” (Garretón 2003: 7). A proliferação de estudos, políticas e práticas culturais que articulam cultura e identidade, cultura e desenvolvimento, cultura e uma diversidade de outras dimensões sociais, apenas confirmam o espaço e o valor adquiridos pela cultura nos tempos contemporâneos.

Certamente outros dispositivos poderiam ser acionados para uma compreensão refinada das configurações da cultura hoje. A escolha desses eixos decorre do registro destacado por eles ocupado no desenho da cultura e de seu campo. Para concluir esse panorama, podemos reafirmar que tais dispositivos propiciam que a cultura ocupe um lugar societário: central, singular e expansivo na atualidade. Tal *centralidade* nos obriga a pensá-la como dimensão transversal, porque perpassando toda a complexa rede que compõe a sociedade atual. A *transversalidade* da cultura, entretanto, não implica seu desaparecimento como campo social. Na contemporaneidade, a cultura comparece como um campo social singular e, de modo simultâneo, perpassa transversalmente todas as outras esferas societárias como figura quase onipresente.

4 Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001429/142919s.pdf>>. Acesso em: 13/1/2007. Ver também Brandt (2005).

Conformações do contemporâneo

A trajetória esboçada demonstra como a cultura tem sido marcante para a conformação do mundo atual. Cabe continuar a reflexão sobre a circunstância contemporânea, com uma questão radical: quais os traços mais substantivos da tessitura da atualidade?

De imediato, entre outras possibilidades, pode-se afirmar um mundo complexo e fortemente conectado, produzido pelas duas grandes “revoluções”, todavia ainda em curso: as revoluções dos transportes e das comunicações. Sem dúvida, hoje vivemos uma situação tão conectada que é possível falar com certa naturalidade de uma sociedade rede, como faz Manuel Castells (1996-1998) em sua famosa obra dedicada a compreender o contemporâneo.

Muitas coisas podem ser ditas sobre essa sociabilidade de intensas conexões. O mundo hoje é conformado por diversas dimensões e por suas articulações. Fala-se do global, nacional, regional e local. Eles configuram este mundo novo e atual. Não há possibilidade de que alguma dessas esferas possa se realizar em plenitude ficando isolada, sem se relacionar com as outras. Um breve comentário acerca de cada uma delas surge como itinerário obrigatório.

A trajetória pode ser iniciada pelo *local*. A dimensão local tem grande protagonismo agora. As cidades são a maior configuração do local na atualidade. Como expressão do local, elas têm um intenso protagonismo. Hoje as cidades se relacionam e fazem acordos com outros países, com estados e cidades de outras nações, com organismos multilaterais, com instituições de variadas nacionalidades, com outras cidades em seu país, organizando consórcios regionais. Por fim, um conjunto de ações que antes era impossível e improvável. Mas, com tudo isso, não se pode falar da cidade, do local, sem recorrer às outras dimensões. Não existe cidade que possa esquecer os fluxos, inclusive culturais, que a perpassam; fluxos regionais, nacionais e globais. As cidades são sempre de uma região, de um país e, hoje, possivelmente, também do mundo. Pensar o local e a cidade, sua expressão atual mais contundente, fora dessas redes é puro equívoco. O local e a cidade compõem-se em pronunciada medida do nacional, do regional e do global.

O *regional* também tem agora um grande desenvolvimento. A expressão *regional* pode designar hoje coisas bastante distintas, como espaços subnacionais e blocos supranacionais. Mas, em ambos os casos, a presença do regional é potente no contemporâneo. As articulações de cidades ou de províncias no interior de um país ou mesmo entre países têm conformado interessantes arranjos territoriais em forma de consórcios de municípios ou de províncias. As zonas de fronteiras entre províncias e entre países são espaços privilegiados para esses arranjos regionais. Igualmente os grandes blocos, que, no contemporâneo, reúnem países territorialmente próximos em uniões – como União Européia, Mercosul e outros –, são uma das marcas do mundo atual. Portanto, a contemporaneidade é um tempo de emergência de regiões. Mas estas não existem sem estar associadas com o local, o nacional e o global.

De pronto é possível dizer que o *nacional* parece perder força na atualidade. As esferas locais, regionais e globais, em seus movimentos, parecem debilitar a dimensão nacional. Certamente, a formação de blocos de países atinge as soberanias nacionais. Certamente, a existência de uma moeda comum diminui a ação econômica de cada país. Certamente, o novo protagonismo dos poderes locais debilita o governo central dos países. Todavia, as nações permanecem até agora como eixo de formatação do mundo. Elas são essenciais para configurar as esferas locais, regionais e mesmo globais. Mas as nações só podem se realizar em interação com as outras dimensões. Por exemplo: a integração regional aparece hoje como imprescindível para o futuro das nações. Torna-se fundamental que os povos dos países do Mercosul saibam disso.

A esfera *global*, em sua arrogância, parece prescindir de todas as outras dimensões do mundo atual. Ela comparece como todo-poderosa. O mundo contemporâneo parece ser global, sem mais. Todos falam, de modo incessante, de globalização. Somente ela parece existir. A novidade da globalização – viver fluxos mundiais como dado do cotidiano, como assinala Castells –, superando a mera internacionalização, pode, em parte, explicar esse empoderamento. Entretanto, agora sabemos que não é assim. Muitos estudos, como o de Renato Ortiz e os de certa tradição francesa, apontam os limites da globalização no campo cultu-

ARTIGO

ral e propõem em seu lugar a noção de mundialização para dar conta dessa singularidade.

Outros autores, a exemplo de Milton Santos e Máximo Canevacci, já utilizam o termo *glocal* em lugar de *global*, porque reconhecem que o mundo hoje conjuga, pelo menos, fluxos globais e locais. Não existem somente fluxos e estoques globais. A esfera global moldada, aparentemente, por modelos éticos e estéticos padronizados e desterritorializados é tão-só uma imposição da ordem capitalista vigente. Esse modo de ser global contrapõe-se às dinâmicas locais, regionais e nacionais. Essa é a globalização dominante. Desde o Fórum Social Mundial aprendemos a dizer que “outro mundo é possível”. Assim, busca-se construir alternativas de conexões globais com outros conteúdos que dialoguem com componentes locais, regionais e nacionais. A dimensão global pode ser plena de diversidade cultural, e não uma cultura de “não lugares”, para lembrar o termo de Marc Augé.

Configurações outras do contemporâneo

Não somente tais dimensões – locais, regionais, nacionais e globais – conformam o mundo na atualidade. O contemporâneo é uma experiência singular na qual estão articuladas não apenas as dimensões já citadas, mas também outras, que fazem grande interface com elas. Cabe registrar, por exemplo, da existência e da conjunção, carregada de tensões, entre espaço geográfico e espaço midiático (eletrônico ou virtual); convivência (vivência em presença) e “televivência” (vivência a distância); realidade contígua e “telerrealidade” ou realidade a distância.

A *modernidade* teve como um dos seus fundamentos o espaço geográfico, a convivência e a realidade contígua. Apenas de modo bastante mediado e reduzido recorria aos outros dispositivos citados para fugir à conformação forjada por tais elementos. A política na modernidade, por exemplo, pode ser apreendida e resumida metaforicamente pelo recurso à noção de “rua”, pois era uma política que se manifestava de modo prioritário nas ruas, praças e parlamentos. Isto é, em espaços geográficos, em ambientes de convivência e na realidade contígua. Comícios, passeatas,

barricadas acontecem, por excelência, nos espaços geográficos. Eles e outras manifestações demonstram, de modo inequívoco, a íntima conexão existente então entre política, território e presença física.

Ao contrário, a *contemporaneidade* agrega a esse ambiente territorial e presencial o espaço midiático (eletrônico ou virtual), a “televivência” e a “telerrealidade”. Hoje a sociabilidade está entrelaçada e umbilicalmente associada a essa conjunção de disposições.⁵ Ela afirma a singularidade do mundo contemporâneo. Nessa perspectiva, a política atual difere da moderna, pois cada vez mais ela se desloca para a “tela”, este espaço midiático em rede, onipresente na sociedade. Obviamente, a política continua a se fazer nas “ruas”, mas parece nítida a prioridade adquirida pela política midiaticizada.

A revolução da comunicação tem grande papel na configuração dessa sociabilidade singular, pois a aparição de suas redes não só permite fluxos e troca de signos, significados e sentidos, mas também – isto é essencial e não pode ser esquecido – viabiliza a constituição social e tecnológica de espaço midiático (eletrônico ou virtual) permanente, cotidiano e tentacular, lugar possível, por excelência, da vida, vivência e realidade a distância. Em resumo, a sociedade atual, ao ser uma sociabilidade ambientada pelas redes, aparatos e espaços de comunicação, tem a singularidade de ser composta por este novo, singular e complexo modo de ser e estar no mundo. Por conseguinte, a comunicação assume papel fundamental na conformação da atualidade.

Desse modo, viabiliza-se uma sociabilidade que funciona em tempo real e no espaço planetário, caracterizada por um processo de redução da matéria (miniatura e nanotecnologia) e por uma intensa velocidade, inclusive de transformações, como afirma Paul Virilio em seus livros. Essa veloz mutação faz recordar uma fala de Astor Piazzolla, à época em que fazia sua revolução do tango: “Es hora de cambiar todo. Hasta los sueños”. Por certo, é necessário fazer como ele: uma transformação profunda sem esquecer e menosprezar a tradição.

5 Essas idéias estão desenvolvidas em Rubim (2001, p. 169-181).

Conexões

O contemporâneo torna-se um mundo de conexões e de redes. Nele vida e desenvolvimento parecem bloqueados para quem não esteja conectado. Na atualidade, a conexão passou a ser um valor e uma distinção altamente considerados. A ausência de conexões, pelo contrário, é sinal de exclusão social e de inexistência neste mundo.

Mas a conexão realmente existente, para parodiar uma velha expressão, pode tomar modalidades radicalmente distintas. Nos extremos, conexão de imposição ou de cooperação. Em uma sociedade capitalista, as conexões, em geral, estão subsumidas à lógica das potências políticas e econômicas, vinculadas ao grande capital e, portanto, têm características de uma relação de imposição. As conexões realizadas pelas indústrias culturais mundiais são fortemente marcadas por fluxos e trocas intensos e profundamente desiguais. Poucos são os centros produtores e muitos, os consumidores. Exemplo maior disso: a brutal hegemonia do cinema norte-americano com o domínio de aproximadamente 80% do mercado mundial.

Para lutar contra as relações de imposição torna-se essencial desenvolver ações de cooperação, caracterizadas por um verdadeiro intercâmbio de mão dupla, no qual as culturas possam efetivamente interagir, negociar e trocar sentidos e valores. Para fugir e para se contrapor à potente imposição (capitalista), a cooperação impõe-se como procedimento imprescindível.

A cooperação deve ocorrer nos mais diversos níveis (local, regional, nacional e global; geográfico e midiático; presencial e virtual etc.) e usar todos os recursos disponíveis, possibilitados pelas redes de transportes e comunicações. Deve motivar uma pluralidade de atores sociais, políticos e culturais. Essa pluralidade configura-se como potencialidades do cenário contemporâneo. Entre tais atores podem ser citados: as instituições estatais nacionais, subnacionais (cidades, consórcios municipais, províncias etc.) e supranacionais (organismos multilaterais, uniões de países etc.); a sociedade civil (sindicatos, associações, ONGs, instituições, movimentos sociais, comunidades, grupos sociais etc.); as empresas (de

variadas dimensões e tipos: multinacionais, pequenas e médias etc.) e, mais recentemente, as redes, que podem congrega entes bem diversos, e se transformar em novos atores.

As *redes* são um fenômeno novo e têm cada vez mais importância para as políticas públicas e para o intercâmbio. A bibliografia sobre redes já é vasta, e uma parte dela tem, por vezes, mitificado o papel de ator das redes na atualidade. Em verdade, as redes podem ser apenas extensões dos organismos que as criam quando estão subsumidas, de modo irrestrito, a seus interesses e controles. Mas também podem ser novos e importantes atores ao reunir uma ampla diversidade de entes em uma conjunção mais igualitária, porque com poderes socializados. Nessa circunstância, as redes não só empoderam as entidades filiadas, mas, ao representar seus interesses comuns, aparecem como novos atores políticos e culturais. Neste caso, a novidade é o caráter de ator das redes, que aparece plenamente no cenário, pois suas posições resultam da síntese compartilhada de sua prévia multiplicidade de entes. As redes se tornam complexas e, portanto, novos e potentes atores na sociedade contemporânea, em todas as suas esferas, inclusive na cooperação cultural.⁶

Cultura e desenvolvimento

Depois de pensar a cultura no mundo atual e a modelagem da contemporaneidade, apontando inclusive o papel relevante da comunicação, para prosseguir as reflexões sobre a temática proposta, tem-se que enfrentar um tema correlato aos anteriormente analisados, presente vivamente na agenda pública no país e no exterior. Trata-se das conexões existentes entre cultura e desenvolvimento. Aliás, o tema do desenvolvimento aparece como um dos pólos gravitacionais do debate atual.

A relação entre cultura e desenvolvimento sofreu profundas alterações em seu itinerário histórico. Em tempos anteriores, a cultura dos povos era tomada como obstáculo ao progresso. A modernização tinha

6 Sobre o tema das redes e seu caráter de ator cultural, ver Rubim et al. (2006, p. 13-64).

como modelo a cópia de padrões culturais dos países ditos civilizados. Toda a cultura dos países “não civilizados” era considerada barbárie, obstáculo a ser removido pelo progresso, então modalidade de nomeação do desenvolvimento. Cultura e progresso, entendidos quase sempre como desenvolvimento econômico apenas, possuíam dinâmicas consideradas antagônicas e inconciliáveis. O implacável progresso implicava reproduzir um modelo de civilização e de modernização, que, sem mais, destruía o patrimônio cultural (tangível e intangível) preexistente, sempre avaliado como bárbaro, arcaico e entrave ao futuro.

Muitas vezes esse conflito não era tão manifesto, pois predominava um conceito de cultura que a identificava tão-somente com as belas-artes. As demais expressões da cultura nem sequer eram consideradas como tal. Essas manifestações depreciadas, assimiladas à barbárie e ao grotesco, eram, de pronto, identificadas como contrapostas ao progresso e à modernização.

Hoje essa noção restringida de cultura está, em razoável medida, desprezada e mesmo superada. A maior parte dos autores, atores políticos e instituições nacionais e internacionais aciona um conceito mais amplo de cultura, muitas vezes chamado de antropológico. Certamente, tal conceito acertadamente também abarca essas outras modalidades de cultura, mas introduz um problema nem sempre percebido. A amplitude do conceito dificulta sobremodo a delimitação da esfera da cultura e, mais especificamente, a formulação de políticas culturais, como assinalou Isaura Botelho (2001). A noção contém uma acertada concepção transversal de cultura, mas simultaneamente introduz problemas que não podem ser desconsiderados. Recomenda-se aqui um debate acerca de uma definição mais rigorosa do conceito de cultura que supere sua amplitude antropológica.

Agora desenvolvimento e cultura parecem assumir dinâmicas convergentes. Mais que isso: entrelaçadas. Entretanto, o perigo não está afastado. Elas são compatíveis e imbricadas, mas novamente, quase sempre, pelo recurso à economia. Hoje é quase senso comum se falar da cultura como economia e indústria que gera emprego e renda. Cultura é desenvolvimento. Mas não poucas vezes a cultura é reduzida a sua dimensão apenas econômica. Para compatibilizar cultura e desenvolvimento, a

cultura é tomada como economia, sem mais. Outra vez predomina uma visão estritamente econômica do desenvolvimento, um determinismo econômico. Novamente desenvolvimento é economia e a cultura para ser desenvolvimento tem que ser transformada em apenas economia.

Contra essa posição, é preciso afirmar a cultura como desenvolvimento, mas sem enfatizar apenas sua dimensão econômica. Ela existe e é importante no mundo contemporâneo, sem dúvida. Entretanto a cultura é muito maior que seu papel econômico. A cultura é essencial para o desenvolvimento porque implica criatividade, imaginação, invenção, transcendência, identidade, diversidade e valores. Em suma: é cultivo espiritual e riqueza simbólica de povos e pessoas. Por tudo isso – e não somente por sua dimensão econômica – cultura é desenvolvimento. Portanto, a legitimidade da cultura não pode ser algo externo a ela. Sua legitimidade tem que ser algo que lhe seja inerente. Os governos e as pessoas devem entender isso. Ela é também economia, indústria, emprego e renda, mas o recurso a esse argumento não pode fazer esquecer que a afirmação da cultura implica assumir sempre uma concepção plena e integral de desenvolvimento.

A crítica a essa aligeirada relação entre cultura e economia necessita não esquecer as contradições presentes na sociedade capitalista que perpassam todas as esferas sociais, inclusive a tensão entre a dinâmica do lucro e da mercadoria, forjadoras do idêntico, inerentes ao capitalismo, e lógica própria da cultura; que tem como cerne a criação, a inovação e a invenção. Tais conflitos não devem ser esquecidos, como também não pode ser desprezada toda tradição de crítica da economia política. É preciso transformar e superar os modelos de desenvolvimento que hoje têm um caráter monopolista, concentrador e centralizador, inclusive presente nas indústrias culturais e criativas. São necessárias novas alternativas de modos de criação, produção e circulação da cultura. Uma organização mais democrática da cultura é essencial para um desenvolvimento integral e sustentável da cultura e da sociedade.

Mais que isso, é necessário recordar que a cultura pode ter um papel político vital em uma época pobre de projetos políticos alternativos de sociedade. A cultura, que é imaginação, pode inventar outros mundos

possíveis e transformar a política em outra, nova e grande política, como queria Antonio Gramsci. Uma política de concepções de mundo radicalmente democráticas e cheias de liberdade, igualdade, fraternidade e solidariedade. A cultura, que percorre as fronteiras do impossível, pode estimular a política a expandir sempre as fronteiras do possível.

Conclusões

O mundo atual é chamado por muitos autores de sociedade do conhecimento. Em síntese, a idéia é que o conhecimento passou a ser um valor e o diferencial desta sociedade. Enquanto a riqueza em outros tempos era contabilizada pela agricultura, pecuária ou indústria, hoje ela tem como eixo a produção do conhecimento e da cultura. No cerne desta sociedade e de seu desenvolvimento instala-se, portanto, sua dimensão simbólica, seu conhecimento e sua cultura.

Hoje conhecimento e cultura tornam-se valores diferenciais nas sociedades contemporâneas. Agora, conhecimento e cultura são os indicadores mais rigorosos e preciosos do grau de desenvolvimento, integral e sustentável, de uma sociedade. Em síntese, conhecimento e cultura são as riquezas maiores de uma sociedade na atualidade.

Não é casual que a Unesco tenha realizado um encontro mundial para discutir, avaliar e aprovar uma convenção sobre a diversidade cultural em outubro de 2005, em Paris. Essa convenção assume a diversidade cultural como maior riqueza da humanidade e dos países. Tão importante para o planeta quanto a biodiversidade.

Mas cultura e diversidade devem estar associadas também por outra razão. A cultura sozinha pode ser idioma de imposição, opressão e intolerância, quando se imagina superior a outras. Muitas vezes guerras foram feitas em nome de culturas, etnias e religiões supostamente superiores. Assumir, em plenitude, a diversidade cultural significa compreender que as culturas são distintas, não melhores ou piores; que as culturas têm que se relacionar em posição de igualdade e que a riqueza cultural deriva do encontro de culturas, de sua multiplicidade, diversidade, convivência, intercâmbio e cooperação. Só assim cultura e diversidade podem ser efetivamente os idiomas da cooperação e do desenvolvimento.

Referências bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean. *Crítica de la economía del signo*. México, Siglo XXI, 1977.
- BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, in LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Saga, 1969.
- . “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, in BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas – Volume 1*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e políticas públicas. In: *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, 15(2): 73-83, abril / junho de 2001.
- BRANDT, Leonardo (org.). *Diversidade cultural*. São Paulo: Escrituras/Pensarte, 2005.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 1998.
- . *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo*. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- . *The Information Age: Economy, Society and Culture*. Cambridge: Blackwell Publishers Inc., 1996-1998.
- CAVES, Richard E. *Creative Industries; Contracts between Art and Commerce*. Cambridge: Harvard University Press, 2001.
- FLORIDA, Richard. *The Rise of the Creative Class – and How it's Transforming Work, Leisure, Community, & Everyday Life*. Nova York: Basic Books, 2002.
- GARRETÓN, Manuel Antonio (org.). *El espacio cultural latinoamericano. Bases para una política cultural de integración*. Santiago: Fondo de Cultura Económica/Convenio Andrés Bello, 2003.
- HARTLEY, John (org.). *Creative Industries*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- . “The New Economy, Creativity and Consumption”, in *International Journal of Cultural Studies*. Londres, 7 (1): 5-7 mar. 2004.
- HOWKINS, John. *The Creative Economy. How People Make Money from Ideas*. Londres: Penguin Press, 2001.
- KREIMER, Roxana. *La tiranía del automóvil*. Buenos Aires: Ediciones Anarres, 2006.
- MOLES, Abraham. *Sociodinâmica da cultura*. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1974.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *Estratégias da comunicação*. Lisboa: Presença, 1990.
- RUBIM, Antonio Albino. “La contemporaneidad como edad-media”, in NAVARRO, Raúl Fuentes & LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (orgs.). *Comunicación. Campo y objeto de estudio*. México: ITESO/Universidad Autónoma de Aguascalientes/Universidad de Colima, 2001.
- ; RUBIM, Iuri & VIEIRA, Mariella Pitombo. “Actores sociales, redes y políticas culturales”, in *Cátedras de integración*. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 2006.